

Everaldo
8 cop.

94

Carlos Fuentes

EM 68

PARIS, PRAGA E MÉXICO

Tradução de Ebréia de Castro Alves

Rocco

Título original
LOS 68
Paris-Praga-México

Copyright © 2005 by Carlos Fuentes

Edição brasileira publicada mediante acordo com autor

PROIBIDA A VENDA EM PORTUGAL

Ilustrações: México, tomadas do livro *Imágenes y símbolos del 68. Fotografía y gráfica del movimiento estudiantil*, de Arnulfo Aquino e Jorge Pérezvega (organizadores), México, UNAM, 2004. França, tomadas do livro *Les 500 affiches de Mai 68*, de Vasco Gasquet (organizador), França, Baland, 1978.

Proibida a reprodução desta obra no todo ou em parte sob qualquer forma sem a autorização, por escrito, dos titulares dos direitos autorais.

Direitos para a língua portuguesa reservados com
exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br / www.rocco.com.br

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

Preparação de originais: Michelle Strzoda

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

F968e Fuentes, Carlos, 1928-
Em 68: Paris, Praga e México / Carlos Fuentes; tradução de Ebréia de
Castro Alves. – Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

Tradução de: Los 68
ISBN 978-85-325-2315-0

1. Praga (República Tcheca) – História – 1968. 2. Tchecoslováquia – História
– Intervenção, 1968. 3. México – História – Movimentos estudantis, 1968. 4. França
– História – Movimentos estudantis, 1968. I. Título.

CDD – 943.7042
CDU – 94(437)

08-0245

Este livro foi impresso na Editora JPA Ltda.,
Av. Brasil, 10.600 – Rio de Janeiro – RJ,
para a Editora Rocco Ltda.

O ANO DE 68:
A DERROTA PÍRRICA



Pirro, rei de Epiro na Grécia, invadiu a Itália em 280 a.C. e derrotou os romanos em Heracléia, mas suas perdas foram tão grandes, que após ganhar a batalha exclamou: "Mais uma vitória como essa e estou perdido." Daí o termo "vitória de Pirro", que empregamos para caracterizar um triunfo que de tão difícil, na verdade, constitui uma derrota.

Tenho pensado no antigo rei Pirro nos últimos tempos para perguntar-me se as derrotas aparentes dos movimentos estudantis em 1968 e, nesse mesmo ano, do "socialismo com rosto humano" na Tchecoslováquia não foram, na realidade, fracassos pírricos, isto é, derrotas aparentes cujos frutos só puderam ser avaliados a longo prazo: derrotas pírricas, vitórias adiadas.

O ano de 68, para começo de conversa, é um desses anos-constelação nos quais, sem razão imediatamente explicável, coincidem fatos, movimentos e personalidades inesperadas e separadas no espaço.

Todos conhecemos, por exemplo, as razões profundas dos movimentos de independência nas colônias espanholas

da América. A formação de elites crioulas, postergadas pela soberba da coroa espanhola. A cega exploração das economias coloniais a favor da metrópole. A expulsão dos jesuítas. A influência das revoluções na América do Norte e na França. Tudo isso explica as revoluções hispano-americanas, mas não justifica a assombrosa simultaneidade dos movimentos iniciados em um mesmo ano, de Buenos Aires a Caracas, e às vezes em um mesmo mês, do México a Santiago do Chile, em 1810.

Outra data de coincidências espantosas é 1848, quando as revoluções nacionalistas européias se estenderam de Paris a Viena, e de Milão a Budapeste. Marx explicou o 48 europeu como o momento da ruptura entre a burguesia e o proletariado que, unidos, haviam feito a Revolução Francesa de 1789. Fim de uma ilusão de progresso compartilhado, início da luta de classes moderna, mas, ao mesmo tempo, contradição e afirmação das teses internacionalistas de Marx e da vontade nacionalista de Manzini na Itália, de Kossuth na Hungria, de Lasalle na Alemanha.

A coincidência nos inícios não assegurou de maneira alguma a coincidência dos resultados. A vitória aparente das revoluções de independência da América espanhola não conduziu à liberdade nem à prosperidade esperadas. Entre a anarquia e a tirania, do México à Argentina demoramos muito tempo para dar sentido e conteúdo à façanha de 1810. Ainda hoje, não terminamos de cumprir as promessas do Congresso de Apatzingán ou do Cabildo Abierto de Buenos Aires. Também é verdade, como disse Bolívar irritado, que não se podia exigir que os hispano-americanos

fizessem em dez anos o que os europeus demoraram um milênio para fazer.

As revoluções de 1848 na Europa acabaram por fortalecer, imediatamente, as monarquias, mas abriram, de modo geral, caminhos inéditos para a legislação social, a democracia política e, certamente, para a unidade nacional adiada na Alemanha e na Itália. Em troca, a luta entre nacionalismo e internacionalismo não se resolveu em 1848, nem durante a guerra de 1914, nem no seio dos movimentos extremos, o fascismo teuto-italiano e o comunismo soviético-stalinista. O triunfo deste, ao lado das democracias ocidentais, em 1945, tampouco resolveu os dilemas apresentados em 1848, dividindo o mundo, verticalmente, entre o bloco capitalista ocidental e o bloco comunista oriental, e horizontalmente, entre as nações desenvolvidas e as nações em desenvolvimento.

O ano de 68 em Paris, em Praga e no México não é, por tudo isso, alheio a uma história em conclusão. Na França, a juventude parisiense representou a insatisfação com a ordem conservadora, capitalista e consumidora que havia esquecido a promessa humanista de luta contra o fascismo e do pensamento radical de Sartre em um extremo, e de Camus no outro, e, no centro de um renascimento religioso, de Mauriac, Bernanos e Emmanuel Mounier. Mas no próprio coração do maio parisiense havia, ao mesmo tempo, uma festa e uma exigência. Marx e Rimbaud, a imaginação no poder, é proibido proibir. Eram palavras de festa, mas também de crítica à auto-satisfação da ordem estabelecida e de afirmação radical, isto é, de retorno às raízes da promessa

social, cultural e humana de uma modernidade pervertida, para não dizer alienada.

De maneira paralela à crítica francesa do mundo capitalista, a juventude dos países da órbita soviética, primeiro em Budapeste e finalmente em Poznan, encarnou a crítica à ordem imposta pelo Kremlin. O ponto culminante ocorreu em Praga porque o "socialismo com rosto humano" proposto por Dubcek era uma tentativa de conciliação entre as razões estratégicas do império soviético e as razões humanas dos cidadãos capturados dentro do Pacto de Varsóvia.

A burocracia comunista, explicou-nos o grande escritor húngaro Jorge Konrad, não havia conseguido esmagar a sociedade civil. De múltiplas maneiras, ela se tornou resistente.

A primavera de Praga não combatia o sistema comunista. Humanizava-o, democratizava-o e socializava-o. Tudo isso, capítulo por capítulo em seu conjunto, era um anátema para os governantes do Kremlin, empenhados, simultaneamente, em manter os dogmas do totalitarismo stalinista e a unidade, sob a direção de Moscou, dos países-satélite do Pacto de Varsóvia.

Por sua vez, o movimento de 68 não era dirigido, a não ser da maneira mais implícita, contra a potência hegemônica e vizinha: os Estados Unidos da América. Reivindicação democrática, como descreveu Octavio Paz, ou reivindicação revolucionária, como descreve Joel Ortega, o movimento mexicano provém de uma matriz mais nacional que internacional. Representa uma ruptura flagrante entre a legitimidade revolucionária como fundamento de todos

os governos a partir de Carranza, e a evidência contra-revolucionária das práticas repressivas, antidemocráticas e antipopulares cada vez mais estabelecidas pelos governos "emanados da revolução".

Lázaro Cárdenas salvou a legitimidade revolucionária, seriamente prejudicada pelo *maximato callista*, e permitiu aos governos subseqüentes, de Ávila Camacho a Ruiz Cortines, esgrimi-la a partir de uma equação de desenvolvimento com estabilidade. As cifras econômicas comprovavam o primeiro. As sucessões políticas sem traumas sul-americanos, o segundo. Mas o fato era que os adiamentos, os disfarces retóricos e, às vezes, a brutalidade repressiva haviam criado uma discórdia cada vez maior entre o efetivo desenvolvimento social, cultural e econômico do país, e as formas políticas vistas cada vez com mais desconfiança pela sua incapacidade, exatamente, de dar margem à renovada realidade cultural, social e econômica do país.

O governo de Adolfo López Mateos, em seu enfrentamento com o sindicalismo independente e o agrarianismo recalcitrante – Othón Salazar, Demetrio Vallejo, Rubén Jaramillo –, deu mostras de incapacidade para negociar a nova realidade, que abriu caminho para o regime de Gustavo Díaz Ordaz. Divorçado, por questão de princípio político – ordem e autoritarismo – e do princípio psicológico – paranóia frente ao espelho –, do movimento real da sociedade e das suas reivindicações, o governo de Díaz Ordaz foi, simplesmente, fiel às suas próprias justificativas: manter, a qualquer preço, o sistema predominante.

Como o maio parisiense, como a Primavera de Praga, o ano 68 mexicano foi, finalmente, derrotado. Na França, o

Partido Comunista e sua central operária, a CGT, fecharam as portas aos estudantes e os entregaram, indefesos, ao poder político do presidente De Gaulle, habilmente ajudado por seu ministro da Educação Edgar Faure que, com malícia maquiavélica, concedeu aos estudantes cursos e faculdades fantasiosos sobre o Terceiro Mundo, a negritude e o teatro do absurdo, enquanto assegurava que as classes dirigentes continuassem se formando para governar, como sempre, nas faculdades da elite: a Normal Superior e a Nacional de Administração.

* Em Praga, foram os tanques soviéticos que esmagaram a reforma socialista. O regime imbecil de Husák restabeleceu a ordem totalitária, os líderes políticos e intelectuais do movimento foram humilhados, encarcerados ou exilados, e a Tchecoslováquia voltou à paz dos sepulcros soviéticos.

No México, por fim, a resposta brutal da Plaza de las Tres Culturas dispersou e esmagou o movimento estudantil, assegurando a paz olímpica e a hegemonia priista.

Mas se essas foram as consequências visíveis e imediatas desses três movimentos de 68, quais foram, afinal, suas consequências inesperadas e perduráveis?

Na França, um partido socialista renovado surgiu do movimento de maio. O Partido Socialista minoritário e prejudicado de Guy Mollet, desprestigiado pelas aventuras imperialistas na Indochina e em Suez, surgiu fortalecido por 68. A passeata de Charlety, liderada por François Mitterrand, foi o início de uma marcha do Partido Socialista renovado rumo ao poder, poder de renovação que Lionel Jospin demonstrou em 1977 ao ganhar a posição de chefe de governo.

Na Tchecoslováquia, a Primavera de Praga conseguiu ganhar a batalha e foi além dos próprios objetivos originais ao derrubar o império soviético e eleger o escritor Václav Havel, um dos líderes da dissidência de 68, à Presidência da República.

E no México, por fim, não é compreensível a história do país de 68 para cá sem a história do país antes e durante o ano de 68. A libertação dos presos políticos, o retorno de Heberto Castillo e Demetrio Vallejo à vida pública, a abolição do delito de dissolução social, mas também as guerrilhas sacrificiais durante a presidência de Luis Echeverría não são inteligíveis sem 68, assim como não o são as reformas políticas que incentivaram Jesús Reyes Heróles durante o governo de José López Portillo e os subseqüentes avanços em termos democráticos que, apesar das oscilações do modelo econômico, dos infames assassinatos políticos e das insurreições armadas, vêm se consolidando no país desde 1968.

Teria sido possível renovar o socialismo e desprestigiar o comunismo na França com ou sem os eventos do maio parisiense de 68?

Teria sido possível derrubar o poder soviético e a sateização da Europa central com ou sem a Primavera de Praga de 68?

Teria sido possível para o México sair do sistema autoritário monopartidário para um sistema democrático pluralista sem o terrível sacrifício de 68 em Tlatelolco?

Impossível saber. Talvez sem maio em Paris, sem a Primavera de Praga e sem Tlatelolco no México, os novos

caminhos da democracia e da crítica social tivessem, de qualquer forma, aberto passagem.

O fato é que a passagem se abriu com maio, a primavera e Tlatelolco, e que, a partir disso, cabe-nos hoje aplicar a sábia recomendação de Paul Ricoeur: "Diferenciamos os fatos das palavras, mas reconheçamos que não há história explicável sem a união entre o dizer e o fazer." A verdade e a história, adverte o pensador francês, reúnem-se quando a palavra reflete de forma eficaz e a ação acontece de modo reflexivo. Ao reunir estas páginas, resta dizer que não alterei uma palavra dos textos originais.

